EDIÇÃO Nº0 1 NOVEMBRO 2019

BOCADA

1999 - 2019 20 anos



RAP PLUS SIZE

O CAMINHO SEM VOLTA DA DIVERSIDADE

ESPECIAL CONSCIÊNCIA NEGRA

DOC DELAS

- NERIE BENTO LANÇA DOCUMENTÁRIO SOBRE O MARCO ZERO DO RAP FEMININO NO BRASIL
- MINAS BEATMAKERS



DIVERSIDADE NO RAP BRASILEIRO

André Cesário - Diretor-executivo

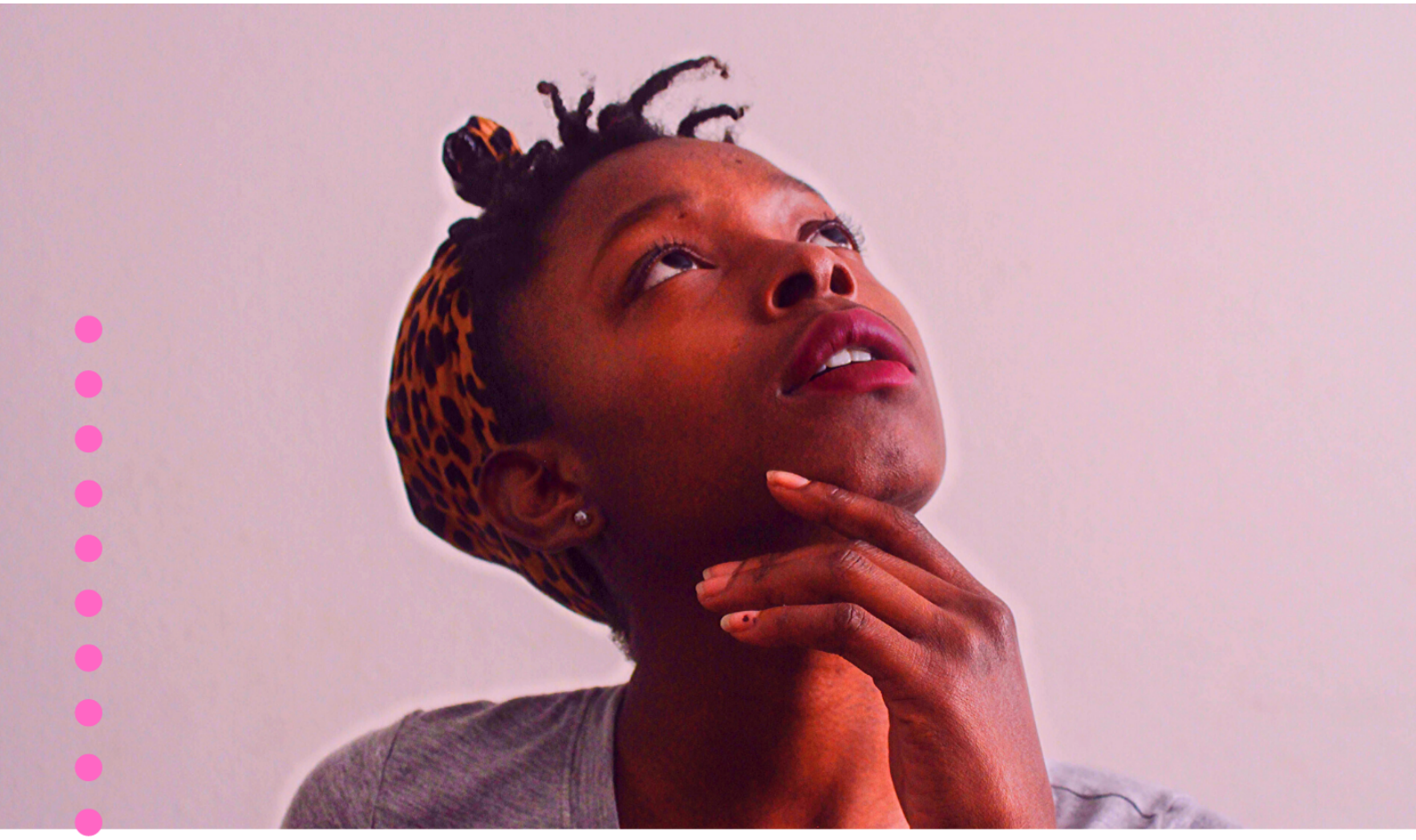
Em 1999, ano de fundação do Bocada Forte, os sinais da mudança no hip hop começavam a ser percebidos. O acesso à tecnologia proporcionou o surgimento de diferentes artistas e a produção de conteúdo sobre a cultura de rua feita por quem estava dentro do movimento.

Novas formas foram desenvolvidas, novas abordagens, mas algumas coisas demoraram para mudar. O rap feito fora do eixo Rio/SP não tinha conquistado o destaque que tem hoje. As minas faziam articulações para conquistar mais visibilidade na cena, mas não eram levadas a sério. Falar em participação LGBTQIA+ no hip hop era tabu. A sigla nem existia na época. Em 2009, ou seja, dez anos após a fundação do BF, reportagem do DJ Cortecertu mostrava que o "rap gay" ainda não era uma realidade no Brasil.

Nesta edição da Revista Bocada Forte, apresentamos um rico material sobre diversidade, com artigos, entrevistas, colunas e reportagens feitas por um time de colaboradores que também representam o hip hop.

ARTISTAS E MILITANTES PROVAM QUE O HIP HOP NÃO É MAIS O MESMO. AINDA BEM!

Central Girls



Rua Dr. José do Amaral, 289 - Jd. 3 Marias

São Paulo- SP

Tel. - (11) 2026.0108 / 3892.6793

Whats - 1194752.3350

www.facebook.com/centralgirls

www.instagram.com/centralgirls

Loja Virtual - www.centralhh.com.br

Site - www.centralgirls.com.br

NESTA EDIÇÃO

rap / hip hop / ativismo / opinião

05
BF INDICA

06
Racismo à brasileira

08
Rap Plus Size

11
Coluna do Padeiro

14
Mulheres Beatmakes

18
Pretas de Rua: Graffiti, Gênero e Etnicidades

20
Onde estão as mulheres pretas?

28
Nerie Bento e o protagonismo das Minas

32
Acervo BF: Homo Links
O rap gay dos EUA

BF INDICA
E VOCÊ PESQUISA



O RAP EM DEBATE

Comandado por Allisson Tiago, o podcast é uma troca de idéias com pessoas ligadas ao hip hop e à militância social e cultural. "O Rap em Debate", do site Hip Hop Sem Maquiagem, tem quase 30 episódios.



OGANPAZAN

Site de uma galera envolvida na cena alternativa brasileira. Com playlists inspiradoras e matérias densas, o Oganpazan é um site que foca a cena do nordeste e fala de rap, MPB, rock, hardcore e outras vertentes do undergroud.



TRANSFEMINISTA

Sophia Rivera é travesti, transfeminista, ativista dos direitos humanos e das causas LGBTQIA+, pesquisadora e curiosa na área de gênero e sexualidades. Graduanda em Serviço Social pela UFPE, Rivera escreve sobre suas experiências cotidianas.

RACISMO
À BRASILEIRA...

O racismo no Brasil é bem peculiar, tem formas bastante sofisticadas de se apresentar, ele age na subjetividade das pessoas, ataca sua autoestima, provocando na população negra atrasos que talvez sejam impossíveis de recuperar, especialmente se não tivermos políticas específicas para esse fim. Na educação, por exemplo, percebemos isso quando abrimos os dados de escolarização e vemos que o povo negro em grande parte não conseguiu acesso à creche, entra na educação básica com defasagem etária e, nos números da evasão, são os mais atingidos.

Isso rapidamente se reflete no mercado de trabalho, onde essa parte da nossa população também entra mais tarde, especialmente no mercado de trabalho formal, o que nos leva a crer que a reforma da Previdência, que foi promulgada recentemente, atingirá frontalmente a população negra brasileira, que perdeu a possibilidade de se aposentar.

É importante ainda lembrar que há muito tempo o povo negro é a principal vitima de um estado que insiste no uso da violência como método de controle social. Isso se reflete nos 80 tiros disparados contra uma família negra, na morte da vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes e também nos vários formatos de violência a qual estão expostos os que vivem nas periferias do Brasil, seja a violência física, letal ou mesmo simbólica, expressada pela qualidade dos serviços públicos oferecidos a essa população, por exemplo.

Daria milhares de textos desse, se ficássemos aqui enumerando e dando informações a respeito das centenas de políticas públicas que foram criadas ao longo de um ciclo de 13 anos de governos democráticos e populares em nosso país, tais como, Brasil Quilombola, Luz para Todos, Minha Casa Minha Vida, ProUni, Cotas Raciais e Sociais nas Universidades Federais, assim como as diversas e mais plurais conferências participativas ocorridas nesse período, que influenciaram em muito a elaboração e execução de políticas públicas nacionais.

Infelizmente, isso tudo é passado. Hoje vivemos num país onde negro na universidade pública é balbúrdia, que não tem mais Ministério da Cultura, onde o governo quer permitir que a polícia mate desenfreadamente e com uma licença para matar, num país que já mata gente preta na ordem de 71% entre as pessoas assassinadas, segundo o atlas da violência de 2016. Aqui, conselhos de participação popular não podem existir, mas estrangeiros para “pegar” nossas mulheres são muito bem-vindos, esse é o grau de distorção ao qual estamos chegando.

Há que nos organizarmos, teremos que enfrentá-los nas ruas e nas redes, temos que unir o campo popular no entorno da manutenção das conquistas que hoje oferecem algum protagonismo para a população negra, evitando inclusive mais retrocessos.

Porque os que aí estão acham a Lei Áurea um absurdo e querem revogá-la!



Claudio Silva – Claudinho, foi membro do conselho nacional de promoção da igualdade racial, foi coordenador de políticas para juventude da prefeitura de São Paulo (gestão Haddad), está Coordenador do SOS Racismo da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

SOS Racismo

RACISMO É CRIME

DENUNCIE

0800-773-3886

SOS Racismo - Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo
Av. Pedro Álvares Cabral, 201 – Sala Prof. Eduardo de Oliveira Andar Monumental
E-mail: sosracismo@al.sp.gov.br – www.al.sp.gov.br/sosracismo
Fone/Fax: 3886-6299 – Atendimento de segunda a sexta-feira

SOS Racismo

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

"NÃO HÁ RETORNO"

POR BOCADA FORTE; FOTOS DE GEORGIA NIARA

Dupla Rap Plus Size fala sobre "A Grandiosa Imersão em Busca do Novo Mundo", seu novo disco

"A gente pensa que representatividade só importa mesmo se ela for transformadora, se ela ocupar espaços para além do "tapa buraco" que a grande mídia e as marcas têm feito ao longo dos anos", afirmam Sara Donato e Jupi77er, integrantes da dupla Rap Plus Size, que lançou recentemente "A Grandiosa Imersão em Busca do Novo Mundo", seu segundo álbum.

Com um novo trabalho produzido por Vibox, Sara Donato e Jupi77er trazem a legitimidade de quem enfrenta os preconceitos com raps que vão além das trilhas de campanhas publicitárias e singles encomendados, faixas que já nascem como jingles.

Já faz tempo que o mercado está de olho na discussão sobre empoderamento, combate ao racismo e aos diferentes tipos de privilégios, porém, no mundão dominado pela imagem, os empreendimentos consideram apenas o poder de consumo dos grupos sociais excluídos.

A crítica social é tida como adereço. E quando a experiência cotidiana ainda mostra a violenta desigualdade, notas de repúdio são divulgadas pelas empresas...e a vida segue. Segue? Não.

"Buscamos aprofundar as ideias, achamos que os assuntos estão cada vez mais rasos, então aÍ se dá essa ruptura, sair da zona de conforto para mergulhar em busca do novo. E não há retorno, pois o novo vai se dar a partir do coletivo, do diálogo e de corpas dissidentes que entendem que esse mundo aqui é falho, esse sistema não é pra nós. Por isso essa grandiosa imersão em busca do novo mundo", conclui Jupi77er.

A dupla afirma que tem observado um grande levante de mulheres, LGBTQIA+ que vem se consolidando e mostrando em nível nacional o potencial e a diversidade que o movimento tem como um todo.

"Isso se deve basicamente aos espaços que têm sido ocupados e subvertidos. Lógico que ainda há muito silenciamento, e a invisibilização, mas aos poucos estamos construindo juntes uma nova cena, que querendo eles ou não, vai ser tomada de assalto por todos os tipos de corpas".



"Estamos construindo uma nova cena"

Ilustração: Raquel Thomé

“Construindo algo novo, a dupla conta com velhos e nem tão velhos parceiros para contar suas histórias numa versatilidade que impressiona. “Esse trabalho mais do que nunca tem nossa cara, desde a produção com Vibox, que é nosso produtor e amigo, até as participações de Ingrid Martins, Luz Ribeiro, Monna Brutal, Mulamba, que são pessoas com quem convivemos e que são amigas pessoais, Cris SNJ, que já compartilhamos vivências incríveis, até Djonga e Kamau, que são pessoas relevantes para cena. E também tem as pessoas que tivemos prazer de produzir e ter essa troca tão importante para nós, artistas independentes”, diz Sara Donato.

Com seus aliados, Sara Donato e Jupi77er alternam flows suaves e profundos com a energia punk que apresentam em seus shows e que também é marca de seu primeiro disco (Rap Plus Size), mas não abandonam o hip hop.

“”Acreditamos que muita gente se surpreendeu, pois muitos tinham uma ideia fixa do que era o Rap Plus Size. Só que nesse disco mostramos que nós podemos ser o que quisermos ser, e sim, nossa evolução é notória. Muito disso tem o dedo do nosso produtor Vibox que é exigente e muito paciente (risos)”, comenta a dupla.

Fazendo referência à água e ao oceano, “A Grandiosa Imersão em Busca do Novo Mundo” faz crítica ao patriarcado, dispara contra o machismo, a gordofobia e a transfobia, fala sobre a fase política em que os brasileiros estão envolvidos e discute gênero. O resultado está registrado nos depoimentos de pessoas que têm a dupla Rap Plus Size como referência de luta.

”NOSSO OBJETIVO SEMPRE FOI PROPOR SOLUÇÕES PARA OS PROBLEMAS SOCIAIS QUE ENFRENTAMOS”





De acordo com Jupi77er, a dupla fala de desconstrução de gênero e não apenas de uma masculinidade ou feminilidade tóxicas. “É uma percepção além disso, é sobre os papéis de gênero, as suposições de gênero que são feitas desde o começo para todos e desconstruir isso”, explica Jupi77er. E essa desconstrução ecoa. Em 2018, em entrevista ao site Hypness, a dupla disse que “ouvir de mulheres que você salvou a vida delas é algo muito profundo”. Na época, a dupla já estava vivenciando essa imersão que abordam em seu mais recente trabalho.

“Desde que Rap Plus Size surgiu, a gente passou escutar isso constantemente, acreditamos que representatividade é muito importante e esse feedback do nosso público sempre foi muito presente, é motivador saber o que fazemos chegar no coração das pessoas. Sempre estivemos buscando aprofundar os debates para além do raso, e agora levamos isso como ponto de partida do nosso trabalho. Nosso objetivo sempre foi propor soluções para os problemas sociais que enfrentamos”.

“A Grandiosa Imersão em Busca do Novo Mundo” figura entre os melhores discos de 2019. Além da desenvoltura, liricismo e originalidade de Sara e Jupi77er, sua temática é urgente e passa longe das discussões, tretas e disputas do mundo masculino e machista do rap. Mais um motivo para não ser ignorado.

O disco da dupla Rap Plus Size está em todas as plataformas digitais. Em seu canal no YouTube, a dupla fala de cada faixa do álbum.

MIXTURA.COM.BR

Mixtura é uma plataforma de rádio online. Idealizada e produzida por Jaime Diko Lopes, morador do bairro Jardim Monte Azul, na zona sul de São Paulo, a plataforma web disponibiliza sua grade para todos que queiram participar da iniciativa colaborativa. A apropriação e a interação do público é o que define a diversidade da programação. Promover a troca, registrar e difundir a variedade de interesses e vertentes musicais e artísticas da comunidade é a intenção do projeto em desenvolvimento.



COLUNA DO PADEIRO

O DIA QUE NOS DERAM É POUCO PARA O QUE VOCÊS PRECISAM PENSAR



Na vila onde eu morava, tinha um terreiro quase na frente da minha casa. Na entrada havia um muro branco com um portão de ferro vermelho. O pátio era grande e cheio de árvores. No verão, uma goiabeira fazia sombra e ajudava a matar a fome da gurizada depois de jogar bola na rua. A casa era de madeira, uma porta grande na entrada e dois janelões sem vidros. Abriam que nem boteco, pra cima.

Nela morava Mãe Nara de Oxum, uma Babalorixá respeitada, mulher trabalhadora. Ajudava muita gente com sua benzedura. Coisas simples, umas ervas que tinham no pátio. Uma reza forte pra espantar o mau olhado e banho de sal grosso pra descarregar as energias. Batuque de quinze em quinze dias e uma sessão de passe por semana.

Às vezes, enquanto jogava bola, ficava olhando quem entrava e quem saia. Todo dia era assim, do motorista do ônibus ao dono da quitanda, do policial ao bicheiro, do jogador de futebol ao cadeirante da rua. E não tinha preconceito, frequentava "*puta, traficante, ladrão, uma pá de alucinados e nunca embaço*". Os filhos de santo, na sua grande maioria, eram gays. Também não tinham cor. Ali existiam regras, posturas, comportamentos adequados e acima de tudo respeito ao próximo.

Há quatro quadras dali, depois do bar do "Tio Kasca", tinha um salão de esquina, alugado pra uma igreja evangélica, dessas que tem o nome cumprido pra caramba e termina com Deus. Pastor Ricardo era o homem escolhido por Deus para nos mostrar o caminho. Sujeito com princípios, lia muitas passagens da Bíblia, fazia sermões de duas horas, cantava músicas com o mesmo conteúdo do que ele tinha lido na Bíblia e tudo que ele havia falado no sermão (deveria ser uma maneira de fixar a palavra) e, ao final de tudo, pedia para sua esposa, a irmã Rosangela, passar a sacolinha pra que todos aqueles que ali estivessem pudessem contribuir para a casa de Deus.

Naquelas poucas cadeiras de plástico, ficavam somente pessoas iluminadas, pessoas que foram tocadas pela mão de Deus através das palavras do Pastor Ricardo. Se reuniam todas as noites, falavam sobre o que mudou em suas vidas durante o culto e ofertavam o pouco que tinham em nome do senhor.

Nem todo mundo que morava na vila frequentava a igreja, não que o Pastor Ricardo não deixasse, o problema era a pressão exercida pelos irmãos. Ali existiam regras rígidas, posturas corretas, comportamentos adequados, normalidade e acima de tudo o amor a Deus.

Vocês devem estar pensando, ***"tá, a gente sacou, mas onde tu quer chegar com esse papo de religião se estamos falando de outro assunto?"***

Te respondo com outra pergunta: ***"Quem disse que estamos falando só de religião?"***

Depois da grande revolução feminina da última década, é a hora de se prestar atenção na diversidade de gênero. É hora de lutar por espaços nos núcleos de sociedade, isso vai para além da simples ideia de existir. A diversidade é uma realidade latente em qualquer canto do planeta, justamente por isso é evidente que existe uma resistência do Estado por conta da pluralidade que envolve a evolução do ser humano.

Não podemos esquecer que a sociedade também é uma forma de cercear a liberdade e que a religião Católica durante muitos anos queimou mulheres que pensavam diferente. Também foi a religião Católica que segurou a evolução da humanidade visando seu proveito próprio, foi a religião a primeira a dizer que a terra era plana e , não por acaso, impediu que padres casassem para que os bens da igreja permaneçam nela. Aqui vemos o "valor de cada um".

O gueto está marcando seu espaço nessa luta por reconhecimento. Ao longo dos anos lutamos por saneamento, moradia, transporte, educação e saúde. Agora lutamos também por questões mais amplas do próprio ser e todos estão percebendo nosso movimento. O mundo busca liberdade. Os maiores focos de repressão à diversidade são nas periferias ou em manifestações públicas. É justamente nesse momento que introduzimos o exemplo da religião descrito no início do texto.

Não por acaso, os terreiros são descriminados e as igrejas não, não por acaso os terreiros aceitam as pessoas como elas são, e as igreja não, não por acaso os terreiros são de matriz africana e as igrejas não. Existe uma conexão que liga todos nós. Uma simples reflexão de tudo isso e vamos perceber que o respeito e liberdade de expressão é a chave. Mas então por que não nos sentimos respeitados pelo Estado, por que incomoda tanto um beijo entre dois homens ou duas mulheres, por que não podemos ser quem a gente quiser e por que isso tira o sono dos mais conservadores?

Cazuza disse uma dia: “o meu prazer agora é risco de vida” ele falava de uma doença, mas como metáfora podemos imaginar que o conservadorismo da época também o matou. E se esse conservadorismo matou um artista branco, rico e famoso. Imagina o que ele é capaz de fazer com uma menina de periferia que não se sente feliz com seu gênero. Esse conservadorismo está presente em cultos e sermões, buscando novamente uma maneira de cercear nossa liberdade.

O terreiro é um símbolo de resistência como eram os Quilombos no passado, vem dos descendentes de africanos marginalizados ao longo da história a ideia de diversidade, pois os negros foram os primeiros a sentirem na pele a importância do respeito as diferenças. Sobrevivemos nos guetos, vila e favelas e até hoje o terreiro representa uma religião que abraça a todos e enxerga em todos o mesmo valor. O terreiro é o reduto de uma crença que vai além da força motora do ser humano, é ali que resistimos e buscamos o respeito por quem somos.



Por sua vez, as igrejas vem da Europa e ocupam espaço e status nas cidades. Dominam a mídia e estão inseridos nos locais mais caros das cidades. Buscam selecionar quem são os cordeiros de Deus, te dizem o que falar, como pensar e principalmente a quem devemos amar, para a igreja todos tem um valor. Mas se tu te sente bem nesses templos, seja feliz.

Neste mês, estamos celebrando a diversidade e a consciência negra em todo país, mas qual a consciência do Estado sobre esse tema? Em alguns lugares é feriado, mas na grande maioria dos estados não. Sabem por que? Porque isso incomoda a sociedade, a diversidade incomoda, o negro incomoda, a favela incomoda a diferença incomoda. Se a gente não resistir como no passado, seremos eternos escravos do sistema, submissos ao homem branco. à desigualdade que bate a nossa porta.

Falta consciência branca para entender e respeitar as diferenças, seja ela de cor ou de gênero. Um país que tem mais de sessenta por cento da sua população negra ou mestiça, as palavras diversidade e consciência deveriam vir à frente de qualquer representação de justiça.
Antônio Padeiro



20 ANOS



DISCOPEDIA DJ MARCO





Clique e ouça!
Enquanto você lê nossas matérias!

UK RAP

Criada por: Bocada Forte • 54 músicas, 3h 36min

PLAY







Produção musical e representatividade feminina são os assuntos do documentário 'Mulheres Beatmakers'

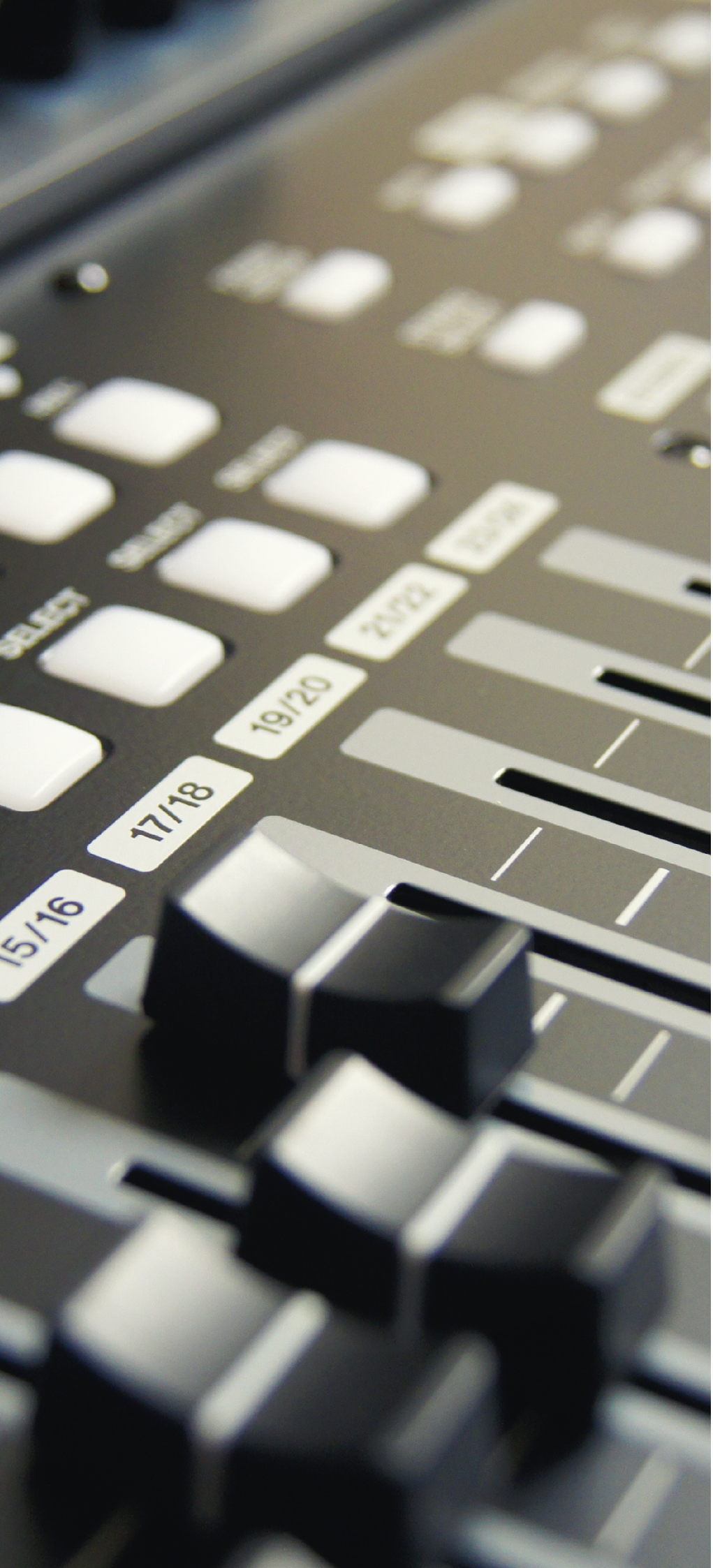
Bocada Forte/ fotos divulgação

Para falar sobre a representatividade feminina no hip hop e no mundo dos beats, Sabrina Emanuelly e Luciana Santos, integrantes da produtora Minas Produções, gravaram o documentário “Mulheres Beatmakers” , que aborda a trajetória das beatmakers Rafa Jazz, Sue, Iasmin Turbininha e EveHive

Estudantes do curso de Produção de Áudio e Vídeo, da ETEC Jornalista Roberto Marinho, as duas jovens documentaristas estão na fase final do projeto.

Luciana (foto acima, à direita) concedeu entrevista exclusiva ao BF para falar do documentário, das dificuldades enfrentadas pelas mulheres beatmakers e relembrar a troca de conhecimento que rolou entre as minas. Confira:

Bocada Forte (BF): Como surgiu a ideia do documentário? Qual foi o gatilho?
Luciana Santos: A gente está no último semestre do curso de áudio e mídia na Etec. Para o TCC, surgiu este tema, porque eu curto beats, mas não tenho tempo para produzir por enquanto. Admiro muito a cena, [a ideia do documentário veio] também por existirem poucas mulheres em relação ao número de beatmakers homens. Mesmo assim, há muitas talentosíssimas produzindo por aí, e que não possuem muita visibilidade.O documentário “Mulheres Beatmakers” é um jeito de juntar todas em uma obra audiovisual para mostrar: ‘olha tem mina foda produzindo por aí’. [O doc] é mais ou menos um trabalho histórico em forma audiovisual, para registrar essas minas.



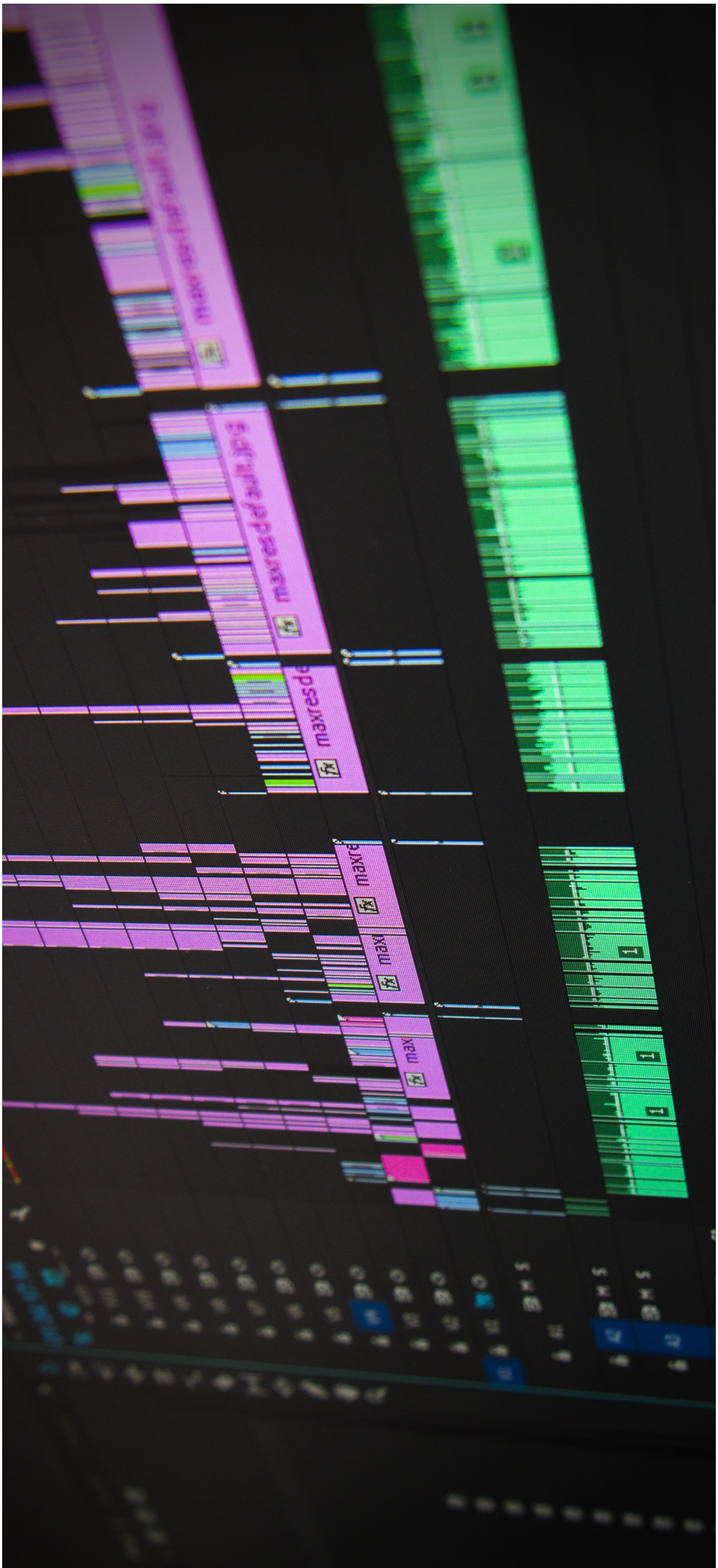
BF: O documentário está programado para ser apresentado em dezembro, na conclusão do seu curso. Planeja exibições em outros lugares para 2020?

Luciana Santos: Sim, a gente planeja mandar para editais e festivais, exibir em centros culturais, casa de culturas, cineclubes, nos locais que a gente gravou, como a Matilha Cultural, no Nia Núcleo. Também no cineclube que acontece no Rio de Janeiro, que tem como curadora a Izabel Vega, que abrigou a gente na casa dela durante as gravações, entre outros que surgirem oportunidade.A gente ainda não parou para se dedicar a distribuição do documentário, mas vai ser bem aquele negócio de bater na porta e pedir para exibirem e, por fim, quando o filme rodar bastante, vamos disponibilizar na internet.

BF: Além do fator grana, qual a principal dificuldade que vocês estão enfrentando para a produção deste doc?

Luciana Santos: Equipe, pois somos apenas duas para fazer produção, fotografia, montagem, roteiro, som, etc. Contamos com assistência de algumas amigas com interesse no audiovisual, o que já ajuda muito.Equipamentos também, usamos o da escola, que está bem danificado e, às vezes, nos deixa na mão. Também usamos equipamentos de amigos da área que emprestaram.
A equipe é reduzida, pois a Etec Jornalista Roberto Marinho sofre com evasão no curso na parte da tarde, e nessa semana recebemos a triste notícia que não terá turmas para o próximo semestre. Não tem haver com o doc mas, enfim, é triste. É um ótimo curso...

"Ainda existe uma série de desvantagens, desde a sua forma de inserção no mercado, discriminação na contratação, ascensão profissional, maiores faixas de desemprego e menores remunerações.



BF: Além da falta de visibilidade, o doc aborda aspectos sociais, políticos e econômicos. Poderia falar um pouco sobre aspectos?

Luciana Santos: No Brasil, a profissão beatmaker é desvalorizada, então muitas vezes a/o beatmaker precisa trabalhar com outras coisas para se sustentar, e não consegue se dedicar em tempo integral. A vida de uma beatmaker mulher é diferente de um beatmaker homem, na maioria das vezes, pois a mulher tem responsabilidades diferentes que se tornam obstáculos, como cuidar dos filhos, casa, etc, motivos que as impedem de se dedicar integralmente à profissão.Além das dificuldades que mulheres de todas as profissões enfrentam, a cena beatmaker é dominada por homens, ainda que estejamos melhorando com a crescente participação feminina no mercado de trabalho. É claro que ainda existe uma série de desvantagens, desde a sua forma de inserção no mercado, discriminação na contratação, ascensão profissional, maiores faixas de desemprego e menores remunerações.

BF: Como foi a recepção das beatmakers à ideia do doc?

Luciana Santos: Foi maravilhosa, todas elas estão apoiando, mesmo que não possam ajudar participando diretamente, elas se interessam e estão à disposição, ajudando e fazendo pontes, divulgação. Esse doc é positivo... tanto para nós quanto para elas.



BF: Poderia falar um pouco das histórias das beatmakers ficaram marcadas em sua mente?

Luciana Santos: Uma beatmaker foi chamada para fazer a trilha sonora de um banco famoso. Ia ser uma oportunidade incrível. Foram chamadas várias mulheres para trabalharem, tanto no roteiro como na locução. Chamaram a Elza Soares para fazer a locução desse documentário.Só que o roteiro dizia mais ou menos assim: 'que nós mulheres já conquistamos muitas coisas, mas que ainda havia muito a ser conquistado'.Isso foi o suficiente para eles [do banco] considerarem uma coisa pesada.

A trilha sonora já estava pronta, várias coisas estavam encaminhadas, mas aí foi cancelado, derrubaram esse comercial. Simplesmente por uma verdade.Escolher uma situação específica é muito difícil. A gente aprendeu muito com elas. São mulheres incríveis que têm conhecimento, carreira. Elas têm coisas pra ensinar, coisas pra dizer [...] Nós somos mulheres diferentes agora.

A gente aprendeu muito com elas.Acho que a troca que mais marcou a gente foi com a beatmaker EveHive. Ela também é DJ, produtora da festa Velcro. Esta festa teve duas edições, era do Rio e veio pra São Paulo.EveHive chamou a gente pra fazer a fotografia. Foi fortalecimento, ela deu essa oportunidade de trabalho. Acho que isso é o mais importante: você dar emprego para as mulheres e a gente se fortalecer também no capital. Foi muito importante, foi a primeira festa que a gente fotografou. Elas adoraram as fotos. Foi significativo, algo importante sentimentalmente e financeiramente.



Foto: Divulgação

GRAFFITI

Projeto inédito faz mapeamento das graffiteiras negras de SP

Inki Dùdù – Pretas de Rua: Graffiti, Gênero e Etnicidades é o primeiro projeto com o objetivo de realizar um mapeamento de graffiteiras negras. A ideia é a criação de um livro catálogo de arte com trabalhos de graffiti realizados por artistas negras que residem na cidade de São Paulo, na região da grande São Paulo e do interior paulista.

Gabi Bruce, graffiteira, produtora e idealizadora do Inki Dúdú, que prefere chamar de “Projeta”, por se tratar de um livro produzido somente por mulheres, fala que a ideia surgiu diante da invisibilidade da mulher negra em eventos de graffiti.

Gabi destaca que há vários casos da mulher negra ser retratada, porém não pelas próprias mulheres pretas: “Temos a ascensão da cultura e figuras pretas estampadas em painéis de graffiti, mas as mãos que pintam esses painéis de grande destaque, mesmo retratando a cultura afro-brasileira, são mãos não negras. Temos uma masculinização de termos e ações, intitular de projeta e não projeto, reforça a ideia que é uma ação criada e produzida por mulheres, para mulheres”.

O nome “Inki Dudu”, que significa “tinta preta” no idioma yorubá, conta com, além de Gabi Bruce, com a bibliotecária e livreira Ketty Valencio, proprietária da “Livraria Africanidades” especializada em literatura negra e feminista, e a jornalista e fotógrafa Erica Bastos, repórter do BF e outros de sites especializados em hip-hop com ênfase nos trabalhos femininos.

A “projeta” começa registrando artistas negras de São Paulo e depois pretende expandir para todo o território nacional.“Não estamos nos livros de artes, não estamos nos livros de graffiti, é como se não existíssemos", diz a artista. O lançamento do livro-catálogo está previsto para o final do ano de 2019 e foi um dos projetos selecionados pelo PROAC de São Paulo.

CHICKEN BOX



DELIVERY

Onde estão as mulheres pretas?

POR BARBARA E LUCIENE

Lava, passa, cozinha, estuda, tenta se cuidar... uffa!!! Faltou tempo para isso que nem é tudo. Faltou tempo para o viver, porque o viver está cheio de energia gasta com quem não nos enxerga como parte de processo, seja ele criativo, produtivo, inovador, transformador... etc.



Mulheres negras são vítimas de uma vida roubada pelas pessoas que as rodeiam. Pessoas que não se dispõem a facilitar esse processo porque só nos veem como executoras de um processo de cumpra-se, acalme-se, resolva-se e não reclame, "não é você quem diz trazer em seu DNA a ancestralidade dos fortes, sobreviventes, resistentes? Use sua luta e pare de choramingar pelos cantos porque de trabalho, esforço, conquistas nós é que sabemos".

Jogam em nossa cara a todo momento que quem sabe o melhor para nós são eles e nos condenam à linha de produção, trabalhos domésticos, cuidadoras, amas de leite ou tias Anastácias modernas. – "Quem disse que é para pensar, quem te deu esse direito? Execute!!!"



Ahhh meus carxs, não executaremos mais! Pois descobrimos nos buracos mais doloridos e obscuros do nosso ser que nossa voz ecoa dentro, do infinito, poder que possuímos.

A largada foi anunciada lá atrás. Muito antes de vocês se entenderem como gente, nós já nos movimentávamos. Um tsunami, devagar, manso, quase indiferente, que ao se juntar com as demais gotas do oceano surge como o poder das águas e devasta tudo, preparando o solo para uma transformação.

Aproveitando o recente anúncio do IBGE que comunica - "pela 1ª vez os negros são maioria nas universidades públicas do Brasil", fizemos um breve recorte e trazemos a reflexão sobre a produção cultural e intelectual das mulheres negras.

NO BRASIL MAIS DE 50% DA POPULAÇÃO É PRETA, E FALANDO EM REPRESENTATIVIDADE:



ENSINO SUPERIOR

Entre os brasileiros que cursaram ensino superior (faixa etária 25 a 44 anos), aproximadamente 10,4% são mulheres negras, percentual quase 2,3 vezes menor que as não-negras (IBGE 2018)

DOUTORADO

Entre os que têm doutorado, apenas 3% são mulheres negras (IPEA 2016)





LITERATURA

Entre o ranking das 20 maiores escritoras brasileiras, no Google, apenas uma é preta (Carolina Maria de Jesus 1914-1977)

E a pergunta ecoa, onde estão as mulheres pretas?

A resposta, como a doutora em comunicação, Kelly Quirino, nos lembra: “nossos passos vêm de longe” e a luta é uma constante. Por isso, ao invés de, ainda, mais estatísticas, fizemos uma lista de algumas representantes desse universo criativo das mulheres pretas que bravamente resistem, sobrevivem e subvertem. (Sem esgotar a pesquisa, pois, em cada canto desta terra há uma grande mulher negra produzindo sua arte. Mesmo diante de toda a força que o racismo estrutural tem para apagar nosso talento e brilhantismo.)

Mas também é um convite a refletir sobre como a “não representatividade” afetou e afeta nossa formação. E é, sobretudo, um chamado às mulheres pretas, no rap, na literatura, na poesia, nas rimas, no sarau, no slam, grafiteiras, atrizes, cantoras, MC’s, Dj’s, etc, para rompermos o isolamento social, intelectual e cultural.

Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977)



Catadora de Papel, escritora, moradora da antiga favela na zona norte de São Paulo, Carolina Maria se apaixonou pela literatura desde criança quando aprendeu a ler. Seu livro mais famoso é o “Quarto de despejo" que é parte de um diário. A leitura envolvente relata a resistência no dramático dia a dia na favela, a fome, a miséria e a luta de mãe solo para criar seus três filhos. Relata também o talento brilhante da escrita de Carolina.



Lélia Gonzalez (1935 – 1994)

Ativista, intelectual, antropóloga. Levanta a tese de que o racismo junto com o sexismo, gera uma violência que afeta especialmente às mulheres pretas. Hoje, o feminismo negro, é a vertente que aborda essa temática.
Nascida em Belo Horizonte, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde graduou-se em História e Geografia, fez mestrado em Comunicação e doutorado em Antropologia Política. Atuou como professora em escolas de nível médio, faculdades e universidades.

Sueli Carneiro (1950 - 69 anos)



Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e fundadora do Geledés – Instituto da Mulher Negra – primeira organização negra e feminista independente de São Paulo. Teórica da questão da mulher negra criou o único programa brasileiro de orientação na área de saúde física e mental específico para mulheres negras, onde mais de trinta mulheres são atendidas semanalmente por psicólogos e assistentes sociais.

Autora do livro "Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil" que traz uma abordagem crítica dos comportamentos humanos e apresenta os principais avanços na superação das desigualdades criadas pela prática da discriminação racial – indicadores sociais, mercado de trabalho, consciência negra, cotas, miscigenação racial no Brasil, racismo no universo infantil, obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas públicas do País, entre outros.



Conceição Evaristo (1946 - 72 anos)

Escritora, doutora em literatura. Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte. De origem humilde, imigrou para o Rio de Janeiro na década de 70. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação "Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade", e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese: "Poemas malungos, cânticos irmãos"), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto. Autora de diversos livros, romances, contos e poesias.

Bia Ferreira (1993 – 26 anos)



Multi instrumentista canta rap, jazz, blues e soul, de família tradicional evangélica, iniciou seus estudos na música desde cedo e aos 15 anos de idade já havia percebido que poderia fazer da música sua profissão.

Bia toca 26 instrumentos, entre eles violão, baixo, guitarra e cavaquinho, além de instrumentos de sopro e percussão, como atabaque, djembe e bateria.
Em 2009, ao entrar na faculdade, se aproximou ainda mais do universo da composição escrevendo em 2011, “Cota não é esmola” e “Não precisa ser Amélia”. Recentemente lançou a turnê de seu primeiro disco “Igreja Lesbiteriana, um chamado”.



Linn da Quebrada (1990 - 29 anos)

Linna Pereira, mais conhecida como Linn da Quebrada, é atriz, canta funk e rap, dança e compõe. Também é ativista social pelos direitos civis da comunidade LGBT e da população negra. Linn inovou ao desestruturar o estereótipo da travesti, desconstruindo os padrões normativos de gênero e de sexualidade.

Ela está entre as artistas mais relevantes do cenário musical LGBT brasileiro atual. Estrelou dois filmes no cinema, “Meu Corpo é político” documentário sobre como vivem as pessoas trans nas periferias de São Paulo. E “Corpo Elétrico” sua personagem é um trabalhador de uma oficina têxtil no bairro do Bom retiro em São Paulo.

Ruth de Souza (1921 – 2019)



Atriz brasileira. Primeira negra no teatro, cinema e televisão do Brasil. A primeira brasileira indicada ao prêmio de melhor atriz num festival internacional de cinema, em Sinhá Moça, no Festival de Veneza de 1954.

Primeira atriz negra a protagonizar uma telenovela, e depois viram muitas outras, Ruth abriu caminho, tortuoso em um ambiente racista para as outras atrizes negras que vieram depois dela. Trabalhou até seus últimos anos de vida.



Preta Rara (1987 – 32 anos)

Joyce Fernandes, rapper, arte-educadora e escritora virou Preta Rara há doze anos. Adotou como nome artístico o apelido que ganhou da mãe por gostar de coisas “diferentes” das outras meninas: jogar futebol, escalar muros, escrever rimas. Já se acostumou a ouvir por aí que a sua fala “incomoda”. Faz sentido. Foram anos de silêncio e outros tantos de desabafo só com a caneta e o papel.

Nascida e criada na cidade de Santos, ela “se deu ao luxo” de morar durante um ano na capital para tentar viver exclusivamente dos seus projetos artísticos, que envolvem o rap, a moda e também a literatura. É por meio deles que, hoje, fala sobre racismo, machismo, gordofobia e feminismo sem medir o tamanho do “incômodo” que pode provocar em seus interlocutores. Na verdade, quanto maior o desconforto, melhor. Preta, está nas redes sociais, onde ficou famosa, a partir de uma pagina que reúme relatos das desventuras vividas por empregadas domésticas, que foi sua profissão antes de se graduar em história. Recentemente lançou o livro “Eu, empregada doméstica”.



Adélia Sampaio (1944 - 75 anos)

Cineasta, entrou para a história do cinema brasileiro ao se tornar a primeira mulher negra a dirigir um longa-metragem. Aos 74 anos, com seis filmes dirigidos e mais outros 70 em que atuou na produção.
"Sou de uma época em que as coisas eram infinitamente mais difíceis. Mas, me propus a atuar em vários setores do cinema, desde telefonista até chegar à direção".
Seus principais filmes “Amor Maldito” em 1984 que relata o drama de uma mulher bissexual. E “ O Mundo de Dentro” de 2017.



Elza Soares (1937 - 82 anos) * não há confirmação

Elza, finaliza nossa lista, e embora dispense apresentações, sua história é a personificação da resistência e da força da mulher preta. Em sua longa carreira, são muitos discos, prêmios e renascimentos. Elza traz em si a capacidade de se reinventar enquanto artista, enquanto mulher preta, enquanto ativista social. Seus 3 últimos discos, “A mulher do Fim do Mundo”, “Deus é Mulher” e “Planeta fome” fazem a síntese perfeita do momento político do país e das vivências das mulheres pretas, violência doméstica, sexualidade, transexualidade, arte, feminismo, espiritualidade, etc.

Hoje, Elza, ainda que com a saúde debilitada, está em plena produção em turnê de shows. Lançou uma biografia, escrita por Zeca Camargo e tem uma peça de teatro em cartaz em várias cidades do país contando sua história.

São inúmeras as nossas referências e, como dissemos, não esgotamos a pesquisa. Fica o convite para apreciarem a potência artística, cultural, produtiva e intelectual das mulheres negras do Brasil e exterior. Escrever, compor, produzir, criar é um desafio quando a realidade de pobreza, violência, a falta de tempo, a tripla jornada, o trabalho exaustivo se impõe à nossa rotina. Essa lista é para ser aquele “abraço” que dá força para não desistir naqueles momentos em que tudo parecer muito difícil.

Para última reflexão: Isso é apenas a nossa reintegração de posse. Porque elxs sabem que se explorarmos as diversas versões de nós mesmas, juntas somos como a força do tufão, somos tempestade inundando o conforto e privilégio de quem nos negou até a mínima dignidade.

Sabem que ao nos curarmos de todas as feridas que o racismo imprimiu em nossa história, essa estrutura será subvertida. Nosso elemento mais poderoso e eficaz é o Amor... Um amor que elxs tentaram transformar em dor, violência, abuso, morte...e que lindamente descobrimos que ele é tudo, menos o que tentaram gravar em nosso subconsciente.

As referências e inspirações desse texto estão relacionadas abaixo:

(1)carta de Glória Anzaldúa, escrita em 21/03/1980 “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo.”
Kelly Quirino, https://www.youtube.com/watch?v=BkwxRQUEm-U
http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-11/pela-primeira-vez-negros-sao-maioria-no-ensino-superior-publico
https://ceert.org.br/noticias/educacao/21396/ibge-apenas-10-das-mulheres-negras-completam-o-ensino-superior
Dossiê Mulheres Negras – IPEA 2013
Francisco el hombre – Triste, Louca ou Má, https://www.youtube.com/watch?v=lKmYTHgBNoE

NOTICIÁRIO PERIFÉRICO

Clique na capa e baixe





NERIE BENTO

Jornalista lança o documentário "O Protagonismo das Minas: A Importância das Mulheres no Rap de SP"

Por Erica Bastos

Diariamente, a equipe do Bocada Forte pesquisa e prepara reportagens, entrevistas e notas sobre a história do rap e do hip hop. Durante os trabalhos dos blogueiros, pesquisadores e jornalistas, uma das maiores dificuldades é encontrar registros da participação feminina na cultura de rua.

Não que esses registros não existam, mas grande parte do material documentado foi feito por homens, com visões masculinas do que são o rap e o hip hop.

É preciso muito mais do que dar um google. É necessário ir além dos sites "Today in Hip Hop History", "On This Date In Hip Hop" e outros tantos que fazem o resgate da história de um dos mais populares gêneros da atualidade. Para revelar o real valor das mulheres na cultura de rua, o papel de blogueiros e jornalistas precisa ser mais do que seguir a onda e reproduzir releases. O mais importante: não há dúvidas, o protagonismo feminino na construção das narrativas no hip hop é fundamental.

SEM HYPE

"A ideia realmente é que o doc seja um registro histórico"

O documentário “O Protagonismo das Minas: A Importância das Mulheres no Rap de SP”, dirigido e roteirizado pela jornalista e produtora cultural Nerie Bento, representa essa reconstrução da narrativa.

O filme trata do marco zero da participação das mulheres no hip hop. Lançado em outubro deste ano, o documentário tem o objetivo de ser um registro histórico da sobre as pioneiras da cultura de rua.

Para Nerie, o filme não é para ser hype. Não foi feito para entrar festivais e ganhar prêmios. "Se isso vier, é consequência", diz.

"A ideia realmente é que ele se torne um registro histórico, para quem hoje jogar na internet ‘início do rap feminino no Brasil’ consiga ter acesso a esse material. O documentário ainda não diz tudo, porque o inicio do rap feminino no Brasil é muito maior do que está registrado no filme. Mas pelo menos é um norte. Eu acho que consegui reunir as primeiras minas dos principais pontos do rap”, afirma Nerie Bento.

Primeiras

Além da invisibilidade da arte feminina na cultura de rua. Os registros sobre as mulheres no hip hop, em sua maioria, ficam pautados na questão do machismo e centrada na figura da MC. O documentário de Nerie Bento surge para mostrar o protagonismo das mulheres em todos os elementos do hip hop.

“A gente pode entender o hip hop feminino hoje de forma bem ampla e plural. No documentário, eu faço questão de não colocar só a figura da MC, porque é isso que a gente atrela ao rap, e o rap é muito maior que isso. Então eu coloco a figura MC, a primeira mulher a ter um grupo de rap. Eu também coloco a primeira mulher a trazer um novo estilo pro Brasil. Mostro a primeira mulher a criar um portal de notícias, só para divulgar mulheres. Falo sobre a primeira mulher a ser produtora do nosso maior programa de TV voltado pro rap”, diz Nerie.

Diversidade

“O Protagonismo das Minas: A Importância das Mulheres no Rap de SP” também registra que o hip hop não é só feito por mulheres cis. A pesquisa se estende à mulheres trans.

Segundo Nerie, a diversidade é um assunto que precisa ser falado também, é preciso resgatar figuras como a rapper Jup do Bairro, por exemplo.

“Eu mostro a primeira mulher trans no hip hop. A gente precisa também falar disso, que o rap não se iniciou só com mulheres cis. Nós já tínhamos Danna Lisboa lá, nós já tínhamos Jup do Bairro lá, então eu acho que é esse círculo: entender que o rap não é só a figura da MC e, no caso do rap feminino, não é só a figura da mulher cis que canta”, afirma.

MOBILIZAÇÃO

"Um documentário feito por uma mulher que está dentro do hip hop."

FNMH

A Frente Nacional das Mulheres do Hip-Hop (FNMH), coletivo que está presente em 15 estados brasileiros e que busca fortalecer ações protagonizadas por mulheres que atuam no hip hop, em suas diversas linguagens, que tem como presidente Lunna Rabetti, foi a apoiadora do documentário.

Nerie conta que quando chegou nos bastidores do movimento em 2014, logo notou que não havia registro audiovisual. A jornalista passou a ser procurada para entrevistas para documentários. As pessoas que se aproximavam de Nerie não faziam parte da cultura hip hop, outras não tinham as características das mulheres ligadas ao rap, periféricas e pretas.

A assessora sentiu a importância de um documentário feito por uma mulher que está dentro do hip hop. Nerie atua no elemento conhecimento, então foi algo que ela sempre pensou em fazer: um documentário feito pela Frente Nacional das Mulheres do Hip-Hop.

“Era muito importante que uma integrante da Frente Nacional contasse isso, a única que eu acho que sempre teve todo aquele sonho e vontade...fui eu. Possivelmente...outras mulheres vão se sentir encorajadas a fazer algo semelhante, ou já estavam encorajadas e pararam em algum momento, que eu também não tenho como saber”, diz Nerie.

Sustentabilidade e visão política

Mais ou menos de uma década para cá, cresceu a preocupação em fazer com que se ganhe dinheiro com o hip hop. Durante muitos anos, essa cultura foi extremamente marginalizada e, no consciente coletivo, funcionava como algo ligado ao crime.

Gerações seguintes tentaram trabalhar para que essa ideia fosse desmitificada. Ganhar dinheiro fazendo rap é legítimo e justo. Entretanto, Nerie ressalta que o legado mais importante que as mulheres pioneiras do hip hop deixaram foi o amor que dedicaram à essa cultura urbana.

“O amor à cultura social e política do hip hop é o maior legado que as mulheres certamente vão deixar. É verdade: em momento nenhum se falou de dinheiro, em momento nenhum se falou do lado comercial. Ali era puramente a cultura hip hop, sobre seus cinco elementos, os quatro principais pilares mais o conhecimento. Algo puramente político, trazendo as questões de recortes de gênero, recorte de raça, e puramente social. Tudo o que elas fizeram ali foi pela periferia, pelas mulheres, pela população negra. Isso é o que é mais foda, diferente dos caras que têm outra percepção do hip hop", conclui a jornalista.

Transformação

Discute-se muito se o rap é de direita ou de esquerda, mas a questão é que o hip hop muda a vida de muitas pessoas pobres e periféricas, resgata a autoestima. A jornalista encerra a entrevista falando que as minas deixam uma mensagem: o hip hop é ferramenta de transformação dentro da sociedade.“A gente precisa lembrar que o rap ainda é uma ferramenta de transformação social. E quando a gente precisa de uma ferramenta de transformação social numa sociedade, ela não está bem, ela não está segura.”





A **2ª Mostra de Literatura Negra Ciclo Contínuo** é uma iniciativa cultural independente, realizada pela Ciclo Contínuo Editorial, em parceria com a Fio.de.Contas Produções, com o propósito de debater questões relativas à presença negra na literatura brasileira e assuntos que giram em torno da história, das produções e da vida literária negro-brasileira.

Neste ano, a Mostra será realizada nos dias **29 e 30 de novembro**, na **Ação Educativa**, em São Paulo.

Serão dois dias de atividades que convidam à reflexão sobre a obra da autora homenageada: Ruth Guimarães* (1920-2014), e também dialogar a respeito da literatura de autoria negra, mercado editorial e políticas do livro e leitura no Brasil.

A programação vai reunir nomes como Conceição Evaristo (RJ), Fernanda Miranda (SP), Oswaldo de Camargo (SP), Joaquim Botelho (SP), Luciana Diogo (SP), Fernanda Sousa (SP), Neide Almeida (SP), Maitê Freitas (SP), Elizandra Souza (SP), Carmen Faustino (SP), entre outra/os, abrindo espaço para discutir variados gêneros literários com foco na bibliodiversidade, na difusão da literatura e na formação de leitores.

Em tempos de aberta desvalorização da Educação e da Cultura, além das investidas de censores fundamentalistas que perseguem livros e autora/es em feiras e escolas, promover a Literatura e estimular o debate é uma de nossas estratégias, ainda que modesta, para enfrentar a intolerância que temos assistido a olhos nus em nosso país.

A Mostra terá mesas de conversa, lançamento de livros, roda de leitura, exposição, apresentações culturais e feira de livros. Todas as atividades serão gratuitas e abertas ao público. Para a atividade Roda de Leitura será necessário fazer inscrição.

Clique na imagem e saiba mais sobre o evento.

HOMO LINKS

O RAP GAY DOS EUA



Por Cortecertu - 18 de maio de 2009

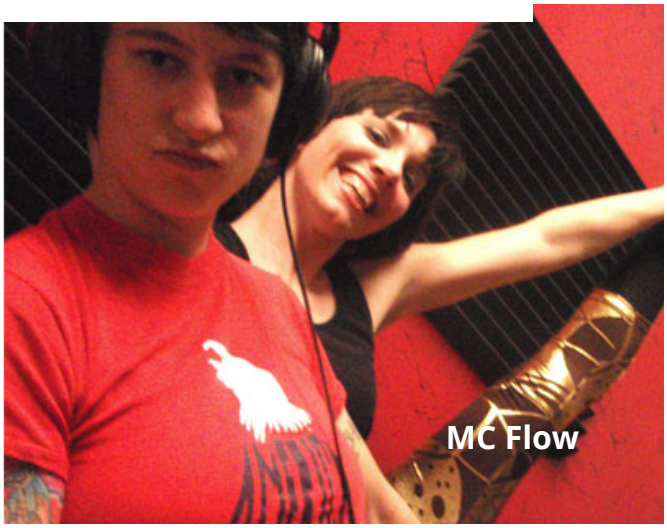
Deadlee, rapper negro de Los Angeles (EUA), é um dos artistas mais polêmicos do Rap internacional. Com dois discos lançados, esse artista, homossexual assumido, tem composições nervosas que versam sobre as desigualdades sociais e preconceitos contra os gays, seus beats são bem produzidos, seu flow é marcante. Algumas de suas canções fazem parte da trilha sonora dos filmes "On the Down Low" e "Vengeance". De lenço na cabeça raspada, com postura séria, Deadlee participa de vários programas da TV norte-americana e já deu entrevista para a CNN. Sua música mais forte é "Suck My Gun" onde critica e desafia os gangstas e, em especial, o rapper 50 Cent.

Nos EUA, a cena homo-hop (gay rap), se fortalece a cada dia e tem na linha de frente, além de Deadlee, os rappers Tim'm West, Lost Offence, Solomon, MC Flow, Tori Fixx e El-Don. Não se sabe qual a origem dos termos que rotulam esse estilo de rap, mas turnês bem sucedidas como a Homorevolution e The 3: The Hard Gay Tour mostram como os artistas que representam os homossexuais batem de frente com todos os tipos de discriminações e conquistam espaço no canto falado do Hip-Hop.

Deadlee, o primeiro MC gay que ganhou fama na cena estrangeira, é considerado homothug, pois se utiliza do estilo gangsta- que tradicionalmente aborda o dinheiro, o sexo e a violência- para detonar todo o preconceito, o machismo e a homofobia que habitam nas letras e no comportamento de muitos artistas.

Ainda considerado o underground dentro do underground, o homo-hop influencia e da voz à muitos jovens,
segundo Paradigm, integrante do grupo BQE, "os artistas do cenário gay rap precisam mudar essa definição tacanha do que significa ser homem e mulher, as pessoas acham que ser homossexual não tem nada a ver com o Rap".





No Brasil

Celso Athaíde, empresário e parceiro do rapper MV Bill, em entrevista ao site Real Hip Hop disse que tem a ideia de lançar um grupo de rap gangsta gay, segundo ele, "seria um conjunto formado por gays assumidos, cantando gangsta rap, com cara feia e tudo, para somente provocar os machistas". Apesar do machismo brasileiro, existem pessoas que apoiam a liberdade de expressão e defendem a participação dos homossexuais no rap, um deles é DJ Shetara, colunista do site Vermelho:

"Há certos grupos religiosos, políticos ou culturais que são basicamente homofóbicos . É o caso de fundamentalistas cristãos (católicos e/ou protestantes), judeus ou muçulmanos, de grupos da extrema-direita (neo-nazistas, carecas, facistas, etc.) ou de extrema-esquerda (comunistas ortodoxos e maoístas), das claques de futebol (hooligans), gangues norte-americanas ligados à cultura hip hop .

São copiados um pouco por todo o mundo (em Portugal, representados por bandos de jovens delinquentes suburbanos chamados "gunas"). As associações acadêmicas de estudantes também cultivam a homofobia, por vezes de modo virulento."

Fotos: divulgação

Fachada

O tema é um enorme tabu no Hip-Hop. Chega a tal ponto que se uma grande personalidade do rap assumir ser homossexual, toda sua obra, para a maioria do público e de outros artistas, perderá a legitimidade. O preconceito velado também impera na cena. Uma equipe de reportagem pode entrevistar vários grupos, DJs e MCs, entretanto quando o assunto for gay no rap ou no Hip-Hop muitos se negarão a responder, outros vão desconversar e a maioria fingir que é politicamente correto. Dirão até que não há preconceito no rap, pois o movimento e a cultura hip hop pregam a liberdade.

Num país machista, brincadeiras, piadas e atos violentos contra homossexuais são frequentes, frutos da formação social do brasileiro. A situação não é diferente no rap, arte que reflete, em parte, a nossa sociedade. Sabemos que não existem grupos de Rap brasileiro que fazem ataques declarados contra os gays. A maior característica no canto falado nacional é o machismo. Hoje, o homo-hop brasileiro ainda não é uma realidade. Será um dia? Os grupos de rap heterossexuais colocarão os problemas enfrentados pelos homossexuais em suas rimas? Dirão que existem coisas mais importantes para tratar (tipo dinheiro, carrões, ostentação e mulheres)? So many questions...





EXPEDIENTE

EQUIPE BOCADA FORTE

Diretoria-Executiva: André Cesário e Preto Claudinho
Redação: Erica Bastos, Gil Souza, Gilberto Yoshinaga, Noise D, Barbara, Luciene
Colunistas: Antonio Cesar, o Padeiro, Camila Cidade

ESTÚDIO BF

Jaime Diko Lopes
DJ Nando
CCCA (Central de Criação Conteúdo Alternativo)

Contato: imprensa@bocadaforte.com.br
Publicidade: centralhh.com.br/produto/publicidadebf